



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5125 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT17 - Filosofia da Educação

PARA ALÉM DA UTILIDADE: EM DEFESA DA FILOSOFIA E DA POESIA NA ESCOLA
Silmara Lídia Marton - UFF - Universidade Federal Fluminense
Maria Onete Lopes Ferreira - UFF - Universidade Federal Fluminense
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PARA ALÉM DA UTILIDADE: EM DEFESA DA FILOSOFIA E DA POESIA NA ESCOLA

Resumo

Esse texto é produto de uma reflexão que vimos fazendo a partir da execução de projetos inerentes à nossa prática docente na escola pública e, que partem da (e com) filosofia, literatura e poesia. Inicialmente nossos projetos eram distintos, contudo, em 2017, com as mudanças sofridas pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), nós associamos os projetos, cujos objetivos eram semelhantes. Afinal, na essência, filosofia, poesia e literatura não se separam. Assim, nosso propósito pode ser definido como um fazer filosofia com as crianças partindo da poesia como dispositivo. É, portanto, essa experiência que motiva a nossa reflexão. Todavia, os resultados anteriores também estão presentes nessas ideias. Interessa-nos aqui compartilhar, por meio de um ensaio que julgamos filosófico, um caminho para fazer da educação um meio de resistência em tempos de fascismo e, ao mesmo tempo, defendê-la como prática produtora de sentidos para o “absurdo da vida”. Com essa finalidade, nosso olhar se ampara em autores como Camus, Morin, Benjamin, Gramsci, Marx, Ordine, entre outros, que inauguram ou contribuem para que a filosofia não se volte apenas para especulações acerca do mundo, mas também para ensinar práticas capazes de transformá-lo.

Palavras-chave: Educação - Filosofia - Poesia - Literatura - Docência

Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras - liberdade caça jeito.

Manoel de Barros

(...) sobre a terra, tudo aquilo que existe de fino, de ousado, a dança, a maestria segura tanto no pensar, no governar, do perdoar ou do persuadir, seja na arte ou nos costumes, desenvolveu-se precisamente em função da "tirania" de tais "leis arbitrárias", e, falando seriamente, há muita probabilidade de sustentar que precisamente nisto consista a "natureza" e o "natural", antes que no "laissez aller". Todo artista sabe que o seu estado "natural" se encontra muito longe do "laissez aller", este natural que consiste em ordenar, pôr, dispor, formar livremente, em momentos de "inspiração" — é então que ele obedece severa e finamente a leis múltiplas que repelem reduções a fórmulas, com noções, devida à sua própria dureza e precisão (mesmo o conceito mais determinado frente a essas torna-se algo confuso, com vários sentidos de interpretação). O essencial "no céu e na terra" é, segundo parece, digamo-lo mais uma vez, que se obedeça, assim deve-se estabelecer algo pelo que valha a pena viver, por exemplo, a virtude, a arte, a música, a dança, a razão, a espiritualidade, enfim, algo que transfigure, de refinado, de louco e de divino.

Friedrich Nietzsche

Pelo direito de resistir

No contexto atual, caracterizado por uma crise muito grave caracterizada por retrocessos de direitos políticos, civis e sociais no Brasil, a educação vem se equilibrando numa “corda bamba”. É cada dia mais visível que a educação não é entendida como prioridade¹ para a formação do povo, haja vista que foram limitados substancialmente os gastos públicos para esse direito, há dois anos. E para piorar ainda mais, o Ministério da Educação apenas aponta ações de desmonte de projetos bem sucedidos que vinham sendo implementados. Tal política, é importante frisar, impacta negativa e diretamente na garantia do funcionamento das universidades públicas. Basta lembrar que apenas em função da crise em que mergulharam o Brasil, desde o golpe contra a presidenta Dilma, o desemprego cresceu, os programas sociais perderam amplitude e o empobrecimento brasileiro atingiu um patamar alarmante. Por causa disso, os cursos universitários sofrem hoje ainda mais evasões de alunos que, entre vários motivos decorrentes da crise, são causados pela diminuição da quantidade de bolsas nas diversas modalidades, da falta de moradia estudantil, das situações de vulnerabilidade em vários níveis e que afetam diretamente o seu desempenho e a sua saúde física e mental. Quem acompanha mais de perto a vida dos estudantes, sabe que o quadro é muito diferente quando se compara com pretérito nem tão distante. Dentre os problemas observamos que há ocorrências de estudantes em estados de sofrimento e de angústia de diferentes níveis: depressão, desesperança em relação aos rumos que poderão ou não seguir em suas vidas. Ainda que hajam aqueles que vêm se mostrando extremamente resistentes, altivos e com uma capacidade surpreendente de se articularem politicamente em defesa de suas pautas e, por isso preparando a resistência, pois a realidade não permite exatamente sonhar com dias melhores em curto prazo.

Mirando apenas para a educação, que não difere dos demais aspectos, pode-se ver que são vastos os discursos divulgados nas grandes mídias e redes sociais provenientes de grupos conservadores reacionários e com pouco ou nenhum uso de inteligência que acobertam e propagam a agenda neoliberal em prol de uma concepção de educação como serviço/produto alinhada aos interesses do mercad. Esse discurso acusa professores de escolas e universidades de doutrinação política e ideológica. Não há interesse desses grupos na formação educacional, cultural e científica das crianças e jovens e, entre os quais, os mais pobres que integram a grande maioria a população brasileira. Sabemos, pois, que um país sem educação crítica e cultura engajada é um país fadado a sua condição de subserviência ao capital estrangeiro, portanto, sempre colonizado e, portanto defendemos e fazemos a resistência.

Nosso objetivo aqui é, diante dessa problemática, apenas apontar algumas reflexões de autores do âmbito da filosofia, da arte e das ciências da complexidade que, no deserto e na aridez do tempo presente, podem iluminar a compreensão sobre a importância de se valorizar a educação superior na vida dos jovens e que eles mesmos possam encontrar nas teorias algo que os alimente existencial, política, ética, estética e cognitivamente. Não há, certamente, a ambição de apontar respostas e nem saídas fáceis que deem conta da complexidade do problema que apenas começamos a atravessar. Porém, a largada, tomando por base a compreensão da educação em sua natureza criativa, “inútil”, pluralista, transformadora e mais afeita ao ritmo do pensamento que divaga e precisa de tempo para produzir emergências de ideias, noções e conceitos é a

resistência ética e cognitiva. Gritar não e preparar estratégias para impedir que a avalanche de discursos e práticas afirmativas de uma educação produtivista, utilitária, neoliberal e imediatista seja facilmente implementadas.

Para essa trincheira, traremos Morin (1999), pensador das ciências da complexidade, que argumenta sobre a busca pelo conhecimento como irremediavelmente marcada por pulsões afetivas, de modo que há uma existencialidade implicada e que se intensifica à medida que esse processo se desenrola. Cabe, assim perguntar se essa experiência liberta ou aprisiona? Convidando para o debate o Camus (2018), colocamo-nos do desafio de, nestas circunstâncias, pensar acerca do absurdo da vida - sua falta de sentido (esse estar vivo e a perplexidade diante de ter de produzir meios de garantir esse viver? Por que?) e, no entanto, do espanto emerge a possibilidade da atitude de revolta, da liberdade e da paixão. Seria isso um sentido?

E, nesse ponto, essas reflexões indicam que essa angústia se coaduna com a filosofia de Nietzsche (1990), para quem a arte leva à transfiguração da realidade. E antes de fechar a questão, acenamos para Ordine (2016), que argumenta acerca da inutilidade das ciências das humanidades e artes nesse paradigma utilitário que caracteriza mundo contemporâneo. Nossa resistência começa, no entanto, na afirmação inversa: provar que tais saberes considerados “inúteis” para o mercado ordenador da sociedade de economia neoliberal, se constituem como fundamentais à vida dos seres humanos. Com este pensador nos associamos por causa da com que defende a ideia de que a universidade não tem como objetivo formar jovens para o mercado, mas sim para que nelas alimente seu gosto pelo aprender, pelo conhecer, pelo pensar. A partir de nossas experiências no trabalho universitário, já descobrimos que esse processo é libertador e transformador.

Partindo de uma experiência em andamento, em um projeto voltado para a iniciação à docência, queremos afirmar a beleza do educar na filosofia, na poesia e literatura. Desde nossa experiência, observamos que a combinação entre filosofia, literatura e poesia na escola produz sentidos de beleza na educação e na formação docente dos estudantes. Como enfatiza Georges Jean citando Éluard, ao se referir ao professor que usa a poesia no processo pedagógico (que ler um poema para si e para os outros), “o papel do educador é abrir-lhe ‘os caminhos e as estradas da poesia’, concebida, deste modo, como ‘voz interior’” (JEAN, 1996, p. 160).

É desde a prática, portanto, que constatamos o quanto o investimento em ações de natureza poética na formação universitária entre professores e estudantes, assim como entre crianças e professores da escola pública, instiga olhares, atitudes, ações que, de modo sensível e profundo, explicitam formas de resistência a nossa própria coisificação no mundo. Fazer poesia na escola é fazer fluir um processo de transformação mútua, porque professores e alunos resistem juntos e, assim, universidade e escola públicas se alimentam numa *práxis* diuturna.

Literatura, filosofia e poesia em simbiose são como uma constelação de argumentos; ideias; noções; conceitos e apostas cognitivas; políticas, éticas e estéticas que alimentam a continuidade de nossa esperança e persistência no sentido de despertar na universidade o pensamento filosófico. Realçar a poética própria da existência humana nas suas possibilidades imagéticas pela interface com a arte e a literatura é acima de tudo revolucionar o ser e dotá-lo do exercício filosófico. Nessa perspectiva, compreendemos que a formação humana se realiza na fusão entre o sentir e o pensar, a razão e a emoção, o exercício da crítica e a sensibilidade e que, portanto, literatura e poesia podem ser dispositivos para o exercício filosófico.

A “existencialidade do conhecimento”: liberdade ou prisão?

Morin (1999), ressalta ser o conhecimento um fenômeno que requer uma aptidão para sua produção, alguma atividade cognitiva e, por consequência, um saber dele resultante, o que necessariamente comporta muitas dimensões que, de forma simultânea e conjuntamente, atuam no ser humano, como a física, biológica, cerebral, mental, psicológica, cultural e social. No entanto, bem problematiza Morin que em nossa cultura ocidental, historicamente, operamos uma grande separação entre os saberes que nos dariam possibilidades de conhecer melhor a nós mesmos e o mundo, disjunção essa iniciada entre a ciência e a filosofia, repercutindo na separação entre o espírito e o cérebro, a metafísica e as ciências da natureza e na fragmentação das disciplinas a partir da divisão entre ciências exatas, ciências biológicas e ciências humanas e na separação entre cultura científica e cultura humanística.

No tocante à relação entre ciência e filosofia, sabemos que naturalmente o processo de investigação do cientista é mediado pela observação e experimentação, pela pergunta, questão, reflexão e especulação filosófica. Não existe uma linha fronteira entre ambas no interior de um sujeito, porém na história do conhecimento ocidental ocorreu uma grande divisão entre as especialidades e disciplinas a qual se mostra inadequada para acompanhar a dinâmica dos acontecimentos e a própria aventura do conhecimento. Os problemas essenciais e complexos com os quais temos que lidar na contemporaneidade não são isolados entre si de modo que a cada especialista caberia um produto específico do seu saber, mas exigem que cientistas e filósofos se comuniquem, dialoguem entre si e de modo complementar no esforço coletivo da criação do pensamento que contemple a complexidade do mundo.

Se o olhar filosófico busca o distanciamento necessário para considerar a ciência, o olhar científico procura o recuo necessário para considerar a filosofia. Assim, a dialógica binocular poderia conduzir-nos ao novo e necessário distanciamento para considerar o conhecimento, o de um pensamento à altura da complexidade e do caráter multidimensional do problema e, a partir daí, ciência e filosofia poderiam mostrar-se a nós como duas faces diferentes e complementares do mesmo: o pensamento. (MORIN, 1999, p. 30)

A epistemologia complexa se propõe radicalmente aberta a compreender o conhecimento científico atentando-se aos seus instrumentos, condições de produção, problemas e aquisições e na necessidade do exercício do olhar vigilante para os seus aspectos biológicos, antropológicos, psicológicos e culturais. Outro aspecto importante é que essa epistemologia não reside em nenhum fundamento apriorístico, senão se realiza em torno da verdade sob diferentes perspectivas e na formulação de verdades parciais, em processo rotativo e recursivo. Leva-se, portanto, em consideração conhecimentos não restritos ao mundo ocidental assim como outras formas de conhecimento não científicas. Esse processo constituído de grande esforço intelectual leva a reorganizações do saber.

Nessa perspectiva do reconhecimento da falta de um fundamento para o nosso ato de conhecer, da consciência de nosso inacabamento e incompletude e da compreensão das “condições físico-bio-antropo-histórico-culturais de produção e de condições sistêmico-lógico-linguístico-paradigmáticas de organização” do conhecimento (MORIN, 1999), podemos, como estimula Morin, nos emanciparmos, mesmo de modo relativo, dessas mesmas condições e exercitarmos melhor o nosso “bem pensar”.

O exercício do pensamento também se vincula a uma disposição para escutar o próprio pensar que não está dissociado do sentir, processo esse desencadeado no interior de nossas interações que nos afetam no mundo e, ao mesmo tempo, oferecem a possibilidade de lutar pela amplificação e pela intensidade e profundidade num pensar envolto de sensibilidade, engajamento e humanidade. “A existência pessoal derrama o infinito da sua necessidade sobre a busca de conhecimento” (MORIN, 1999, p. 141). Compreendendo essa relação fecunda entre os aspectos sensíveis de nossa existência e o exercício de uma racionalidade aberta. Portanto, vemos nos argumentos de Morin acerca do que designa de “existencialidade do conhecimento” (1999) uma atenção especial à relação entre nossa psique e as descobertas que chamamos de conhecimento. A nossa busca da verdade precisa ser acompanhada sempre do autoexame de nossas aspirações e paixões, a fim de reconhecer nelas o impulso vital desse processo, mas para que, ao mesmo tempo, não nos deixemos aprisionar por elas.

Primeiro os estados da psique humana mais profundos, desde os de exaltação até os depressivos, que não são isolados dos estados biológicos, neurais e cerebrais, alteram as nossas visões de mundo, nossas ideias e interpretações do real, o que não implica, explica Morin, numa determinação advinda apenas do aspecto pulsional no intelectual, mas num “circuito” entre eles. “As ideias que possuímos nos possuem. Nosso apego às nossas ideias, ainda que não se reduza a esse único aspecto, tem caráter passional/existencial” (idem, 1999, p. 150-151). A pulsão de conhecer que habita o ser humano se manifesta na forma de obsessões por determinados temas, encontrando aí alguma satisfação psíquica, tranquilidade e modo de acalmar ansiedades, assim como respostas às suas necessidades e faltas.

Assim se constituem os *themata*: temas obsessivos que comportam opções pulsionais/existenciais imperativas de certo tipo de espírito diante das grandes alternativas apresentadas pelos problemas fundamentais à nossa

Portanto, é preciso diferenciar sentimento *da* verdade de ideia de verdade, sendo o primeiro caracterizado pela apropriação de uma ideia de verdade quanto a obediência a mesma. Já a ideia de verdade implica em resolver sobre algo verdadeiro ou falso sem estar, necessariamente, afetado por aquilo. O problema detectado por Morin é o da “posse e possessão”, sendo a posse quando na apropriação da verdade - “eu tenho a verdade”, e possessão quando na condição de possuído pela mesma - “pertencem à verdade”. Por essa razão, sugere que lutemos contra o egocentrismo, mesmo que tenhamos em nós a presença de uma paixão pelo conhecimento e desejo de verdade. Como já dizia Camus, “entre a certeza que tenho da minha existência e o conteúdo que tento dar a essa segurança, o fosso jamais será preenchido. Serei para sempre um estrangeiro diante de mim mesmo. Em psicologia, como em lógica, há verdades mas não há verdade” (CAMUS, 2018, p. 17).

O caráter existencial de nossa atividade científica lhe oferece vitalidade, intensidade e profundidade e, inevitavelmente, influencia no tratamento que lhe dispensamos. Porém, um cuidado constante com o que sentimos em relação à verdade, na mesma medida, se faz necessário, a preço de não comprometer a nossa liberdade de pensar, a nossa possibilidade de aprender na alteridade, a percepção da importância da diferença e o desenvolvimento da capacidade de operar deslocamentos cognitivos que repercutam em ações que podem ser mais criativas, críticas e plurais. Vimos que essa integração nada simples entre as paixões e o aspecto noológico da existência humana é inevitável. Aquilo que nos aprisiona também pode ser causa do que nos liberta se amparados pela nossa consciência atenta, sensível e crítica.

Do absurdo da vida à produção de sentidos

O artista se forja no perpétuo retorno ao outro, a meio caminho da beleza, da qual não pode abster-se, e da comunidade, da qual não pode fugir. É por isto que os verdadeiros artistas não menosprezam nada: eles se obrigam a entender em vez de julgar. E se eles têm um partido a tomar neste mundo, que possa ser aquele cuja sociedade, nas palavras de Nietzsche, não seja mais governada por um juiz, mas por um criador, seja ele um operário ou um intelectual.

Albert Camus

Falemos ainda acerca do valor da paixão em nossas vidas, porque se é verdade que “as ideias que possuímos nos possuem”, é também verdadeiro afirmar que essas ideias movidas por muita paixão são fundamentais para a criação de novas realidades, ou como disse Benjamin (1940) nas teses sobre história, tentar impedir que o devir nos leve uma catástrofe sem volta.

As ideias, bem o sabemos, se vinculam aos valores, àquilo que pesa e pelo que vale a pena lutar, isto é, pelo que se oferece como sentido, razão de viver. Esse processo se constitui em conhecimento que se constrói coletivamente numa dialética constante entre práticas e teorias. Nessa *práxis*, as consciências se encontram, dialtizam, criam alternativas de resistência e luta e transformam a a realidade, indicando um novo horizonte para o *devir*.

Albert Camus, como grande pensador, se atentou ao valor da paixão e aposta na não separação entre a filosofia e a literatura. Ele o afirma tanto na sua compreensão de que a experiência sensível do escritor é uma maneira de pensar como na própria efetivação dessa junção em seus escritos. Suas reflexões acerca do suicídio (2018) o conduzem a pensar na absurdidade da vida - a consciência (humana) possível acerca da falta de sentido, de uma explicação plausível sobre porquê há vida. Camus não se interessa pela busca de uma razão que seja metafísica, romântica, mística e/ou religiosa. Ele identificava na radicalidade do gesto suicida o móvel para pensar que esse é resultante de um desejo de fuga e de liberação de alguém que se deparou com a consciência do absurdo. A vida, dizia Camus, não pode ser compreendida pela via da racionalidade lógica, mas, substancialmente, pela contradição humana forjada pela experiência do tempo que esvai e que um dia lhe acomete pela ruptura - a morte. Ao se praticar o suicídio, apenas se antecipa esse momento.

Morrer voluntariamente pressupõe que se reconheceu, ainda que instintivamente, o caráter irrisório desse hábito, a ausência de qualquer razão profunda de viver, o caráter insensato dessa agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento (CAMUS, 2018, p. 8).

O suicídio é o ponto de partida para se extrair não um sentido para a vida, mas a consciência da falta desse sentido - seu absurdo. Desse absurdo podemos encontrar um estímulo ao ato de viver, nem que seja pela revolta como recusa a essa condição e daí, chegar o desejo de preencher o vazio da ausência de sentido pela liberdade e paixão, que a complexidade da própria existência (ato de existir) encontra na filosofia uma razão. A vida é um absurdo, mas se existe, que valha a pena.

Alimenta-se Camus (e vale-nos) argumentativamente da consciência do absurdo que o direciona à valorização do diverso e das experiências que o tempo cronológico da vida nos traz, à relevância da consciência trágica, à afirmação da contradição e à fecundidade da relação entre vida e paixão.

Valemo-nos aqui de tais argumentos para justificar o elo entre a introdução desse texto que aborda o tempo histórico atual no Brasil e poder olhar para o absurdo de sermos brasileiros! Nossa origem ainda tão recente. Pensar em nossa condição é demarcar o Brasil como um país da América Latina colonizado por portugueses, que ao longo de trezentos anos se apropriaram das riquezas da terra sem nenhuma contrapartida. Além disso, é marcado pela escravidão, uma forma de violência ainda pouco problematizada; pela exploração privada de seus recursos naturais, desigualdade social, além de muitas outras contradições, dentre elas a negação do regime democrático, esvaziamento da responsabilidade do Estado e de enorme desrespeito aos direitos civis, políticos e sociais. A negação dos direitos das minorias representa o “não” a quase toda a população brasileira. Em resistência a essa negação histórica cujo sentido não emerge de uma lógica afirmativa de vida, mas sua negação, há que se valer minimamente do que se conquistou historicamente como direito e, numa atitude de revolta, livre e apaixonada, recusar o suicídio generalizado.

Assim, eu extraio do absurdo três conseqüências que são minha revolta, minha liberdade e minha paixão. Apenas com o jogo da consciência transformo em regra de vida o que era convite à morte - e recuso o suicídio. Conheço, sem dúvida, a surda ressonância que se estende ao longo desses dias. Mas só tenho uma palavra a dizer: é que ela é necessária. Quando Nietzsche escreve: “Parece claramente que a coisa mais importante no céu e sobre a terra é obedecer por muito tempo e numa mesma direção: com o passar dos dias, surge daí alguma coisa pela qual nos vale a pena viver sobre esta terra como, por exemplo, a virtude, a arte, a música, a dança, a razão, o espírito, alguma coisa que transfigura, alguma coisa de refinado, de louco ou de divino”, ele ilustra uma moral de grande discernimento. Mas também mostra o caminho do absurdo. Obedecer à chama é ao mesmo tempo o que há de mais fácil e de mais difícil. (CAMUS, 2018, p. 48)

Camus nos conduz a pensar com Nietzsche também. O *amor fati* de Nietzsche (1995) traduzido numa atitude de aceitação da vida como algo necessário e que não implica em sua negação, mas possibilidade de transfiguração da realidade pela arte, pela música, pelo exercício da virtude, nos coloca em contato com a experiência da tragicidade da condição humana, não esperando compensações futuras, senão o risco da criação de sentidos, apostas, escolhas.

A partir do Mito de Sísifo Albert Camus nos conduz metaforicamente a pensar na profundidade de suas reflexões ao fazer-nos ver que, no destino de uma vida sem motivo, na desvinculação entre os sentidos que o ser humano constrói e a realidade, há que sim, como Sísifo, não se conformar, mas rebelar-se e, pela consciência desse nada, experimentar o trágico - a paixão de viver.

Se esse mito é trágico, é que seu herói é consciente. Onde estaria, de fato, a sua pena, se a cada passo o sustentasse a esperança de ser bem-sucedido? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua condição miserável: é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que devia produzir o seu tormento consome, com a mesma força, sua vitória.

Os saberes “inúteis”, mas fundamentais

Vimos sustentando nesse texto algumas ideias que nutrem o nosso cotidiano profissional e percurso de docência. Buscamos oferecer uma formação aos alunos que lhes instigue e fortaleça a consciência da necessidade de um propósito na vida alinhado com a defesa da justiça social, liberdade, respeito à diversidade cultural, étnico-racial, de gênero e geracional, inclusão social, educação, valorização do patrimônio natural e cultural do país e afirmação dos direitos humanos que compreendem os direitos políticos, civis e sociais.

Nessa perspectiva, igualmente comungamos um projeto formativo imerso na valorização das culturas, povos e civilizações que nos antecederam e com profundo e inegociável respeito pelo conhecimento e reconhecimento também da memória dos nossos antepassados muitos dos quais foram, historicamente, formando a grande massa de excluídos dos seus direitos nesse país. Assim, para nós, a formação em Humanidades e a valorização da Filosofia, Literatura e Arte ganha um estatuto da maior importância porque se tratam de saberes que cultivam os espíritos, humanizam as existências, fortalecem a importância de se conhecer as diversas narrativas que constituem o nosso passado sem, sequer terem ganhado lugar na história, posto que a narrativa que conta os fatos é capturada pela ótica dos vencedores. Nesse sentido, e porque admitimos, conforme frisado, a ideia do absurdo da vida, Benjamin (1940) oferece a possibilidade de pensar o *devir* sob a ideia de novidade histórica, isto é, ao assumirmos a crítica que Benjamin (idem) faz ao progresso como uma catástrofe, estamos diante da necessidade premente da proposição de possibilidade de mudanças. Descarrilhar o trem da história, tal qual como desenhado pelos adeptos das teorias ocidentalizadas, é ousar defender novas realidades como utopias, mas materializáveis. Está claro também que promessas utópicas precisam primeiro nascer como ideias brotadas da própria materialidade do real, conforme somos capazes de apreender com base na dialética materialista, segundo ensinaram Marx e Engels (1990).

Eis o desafio: “criar as cabeças” em cujas ideias caibam teorias que sustentem que as rupturas e mudanças nascem na (e da) *práxis* e não em elucubrações meramente especulativas. O que captamos dos autores que orientam esse pensar é que propor o novo implica em admitir que a força da rebeldia que ousa crer nasce e, ao mesmo tempo, permeia as mentes e corações; sentimentos e pensamentos; ideias e ações numa perene corrente de retroalimentação.

Em “*A Utilidade do Inútil: um manifesto*” Ordine (2016), animado por sua militância no exercício da docência universitária, reserva páginas e páginas a uma pluralidade de pensamentos e citações de autores clássicos como Baudelaire, García Lorca, Víctor Hugo, Calvino, Cervantes, Platão, Montaigne, Aristóteles, Dickens, Boccaccio, dentre outros. São escritores, romancistas, poetas, filósofos e cientistas. Muitas ideias ali trazidas revelam compreensões do mundo as quais explicitam o valor supremo de saberes que não servem para nada na perspectiva do dinheiro e do utilitarismo, mas que se oferecem como reservas de conhecimento. Afinal, como bem pontua Ordine, o conhecimento não segue à lógica do lucro, mas se manifesta numa outra lógica que enriquece nossos espíritos. Tem um valor moral. Além do mais, essa partilha não segue a hierarquia verticalizada dos que sabem para os que não sabem, porque todos saem modificados desse processo.

Somente o saber pode ainda desafiar as leis do mercado. Eu posso compartilhar meus conhecimentos com os outros sem me empobrecer. Posso ensinar a um aluno a teoria da relatividade ou ler com ele uma página de Montaigne, dando vida a um milagroso processo virtuoso no qual se enriquece, ao mesmo tempo, tanto quem dá quanto quem recebe (ORDINE, 2016, p. 17)

Salienta ainda Ordine (2016) que há uma destruição avassaladora desses saberes considerados “inúteis” no contexto europeu hoje e, na mesma direção que vem acontecendo em todo o planeta, a qual se encontra orientada por políticas de “austeridade”. Essa tal austeridade é o fundamento que vêm extraindo os direitos de milhões de pessoas à educação, à cultura, à assistência social, à dignidade humana.

Reduzir o estado como exigência da austeridade que os ricos desejam é um caminho, mas não o único. Nós outros, que compreendemos a sociedade como um modelo de organização dividido em classes antagônicas - com base na propriedade dos meios de produção - esse fundamento marxista, nada temos com o caminho que interessa dos ricos. Todavia, porque estamos no mesmo mundo, que não é deles, temos o direito de propor o nosso caminho. Outro caminho. Ninguém nos tira o direito de resistir. Esse direito não nos foi dado. É um direito inerente a nossa existência. Entretanto, já sabemos desde Gramsci (2006), que numa sociedade de classes, as ideias que têm a força hegemônica são as da classe dominante. Sabemos também desde Marx que a ideologia é o poder da palavra para dominar. O que não podemos é permitir que os direitos morram porque foram completamente submetidos ao domínio do mercado.

O caminho que queremos defender sinaliza que é necessário valorizar a arte, a filosofia e a literatura de um modo como ainda o foram até aqui compreendidas para a formação. Entendemos que afirmar a necessidade da presença da arte em todas as suas derivações como força que promove rupturas é, por certo estar na contracorrente da lógica mercantilizada e desumanizadora.

É nessa direção que entendemos a ironia dos “saberes inúteis”, conforme Ordine (2016). Para nós a ironia serve como um realce necessário para que prestemos mais atenção nesses saberes e, desse modo, possamos gritar com mais potência a nossa utopia de um mundo novo e melhor. Talvez precisemos do eco desse grito para que, como já afirmou, tantas vezes, Galeano em palestras, acreditemos que esse mundo velho está grávido e no seu próprio ventre haja um novinho, mas que precisa de forças para romper a bolsa.

Voltando a Ordine, valemo-nos de suas palavras para dizer que

nesse contexto brutal, a utilidade dos saberes inúteis contrapõe-se radicalmente à utilidade dominante que, em nome de um interesse exclusivamente econômico, está progressivamente matando a memória do passado, as disciplinas humanísticas, as línguas clássicas, a educação, a livre pesquisa, a fantasia, a arte, o pensamento crítico e o horizonte civil que deveria inspirar toda atividade humana. No universo do utilitarismo, um martelo vale mais que uma sinfonia, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro; porque é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre mais difícil compreender para que podem servir a música, a literatura ou a arte (ORDINE, 2016, 12 - grifo nosso)

Por essa razão, defendemos que para competir com o utilitarismo da lógica “burguesa”, são bem-vindas práticas pedagógicas que tragam dos “saberes inúteis” a sua utilidade negada. Podemos incluir na sacola das práticas pedagógicas permeadas por inutilidades, momentos originados da leitura de um poema ou texto literário, uma escuta musical, por exemplo, que são consideradas inúteis porque “não servem para nada” que seja bom para o mercado. Para nossa resistência, saberes que nascem das “inutilidades” servem para manter ainda viva a nossa possibilidade de “ser mais” no sentido de nossa humanidade, pois fortalecem essa que é a nossa “vocalização ontológica e histórica” (FREIRE, 1987). “É nas dobras daquelas atividades consideradas supérfluas que, de fato, podemos encontrar o estímulo para pensar um mundo melhor, para cultivar a utopia de poder atenuar, se não eliminar, as injustiças que se propagam” (ORDINE, 2016, p. 19).

Não é por acaso que em momentos de crise acontecem movimentos culturais que revolucionam uma sociedade ou determinados grupos sociais, pois sua desobediência às regras e convenções, sua rebeldia, seu entusiasmo, sua paixão, sua liberdade, seus ideais transgridem a ordem rígida do que já está instituído. Hoje, diante da *banalização do mal*, nessa barbárie generalizada, que gera a perda do sentido do enraizamento histórico e da desvalorização do passado como memória, nada mais essencial que resistir investindo em espaços educativos, culturais, formativos e, entre os quais, a universidade e a escola pública se alocam. O que queremos essencialmente afirmar é que a arte, a possibilidade criadora e transgressora que ela encerra é imprescindível para a construção de narrativas que restituam o sentido da vida humana e do seu lugar nesse planeta.

Nesse sentido, ler um poema, ouvir uma música, ler os clássicos da literatura e da filosofia é transgredir a ordem e resistir à lógica do capital. É dizer não ao “tempo produtivo”, é contestar a negação dos direitos das pessoas pobres e desempregadas ou exercendo atividades com baixa remuneração a uma educação superior. Oferecer aos excluídos do mercado e aos que o servem quase que como escravos, o contato com a arte é um passo importante para a auto inserção dessas categorias no *front*.

Assim como Ordine argumenta em favor do lugar do conhecimento para favorecer uma “autêntica metamorfose do espírito” (ORDINE, 2016), partilhamos da ideia de que não podemos abrir mão, principalmente nos tempos atuais, de escutar e ler esses nossos ancestrais que souberam viver suas vidas sem a adequação à lógica do *status quo* de suas épocas. Com eles precisamos defender a metamorfose social como produto também de revoluções pessoais e, portanto, acreditar no despertar de consciências, bem como produzir narrativas utópicas.

Esses saberes inúteis seriam, entre outras coisas um SIM em resposta aos vários “nãos” dirigidos aos dominados que constituem a maioria da população brasileira, agrupamento no qual se encontram, e nas universidades o grupo dos favorecidos com políticas de ações afirmativas através de cotas². Estamos dizendo que esses saberes são imprescindíveis aos que em gerações anteriores não sonhavam com a formação superior, visto ser a universidade originada numa concepção elitista, não os acolhia. É preciso entre eles e com eles dizer o SIM para si mesmos, com ainda mais força de resistência argumentativa, criativa, imaginativa, criativa e sensível.

Para concluir com filosofia, poesia e literatura na Escola

Testemunhamos em nossa experiência docente de sala de aula em cursos de Licenciatura em Pedagogia e Geografia, que a arte, nas suas mais diversas linguagens, dispara estados de sensibilidade que expandem a criatividade e o questionamento por parte dos alunos e a criação de um espaço em aula mais parecido com um encontro horizontalizado, porque é mais propício ao diálogo e escuta do que os espaços hierarquizados. Seja na leitura de um poema, na escuta de uma canção e/ou na leitura de um texto literário, nos percebemos ali inscritos em nossa condição humana, o que nos une e nos coloca numa relação de encontro mediada por vínculos afetivos e intelectuais.

Se a complexidade nos adverte da necessidade de ver os detalhes e os sentidos do mundo em rede ou conexões indivisíveis sob pena de uma autodestruição. Ou se, para salvar a nossa existência, faz-se mister entender os acontecimentos numa sucessão de encadeamentos ou numa teia sem elos descartáveis e sem possibilidade de cisões sem danos, reivindicamos que a escola contemporânea não continue o trajeto que leva apenas à satisfação do mercado.

Com esse propósito, recorremos a Gramsci (2006) que nos ensina sobre a escola que chamamos revolucionária. Na escola de Gramsci a poesia e a filosofia deixam de ser apenas conteúdos para se tornarem experiências vividas como sentidos da escola e, portanto, da vida. A poesia, pela beleza que é matéria do ser, se torna por natureza um potente dispositivo capaz de revolucionar o conhecimento escolar. Entretanto, como a concepção de escola que nos orienta não se limita a propiciar conhecimentos, práticos, reivindicamos a poesia como dispositivo transformador porque, pela natureza do texto, para além de fazer brotar o hábito de leitura nas crianças, oferece aos licenciandos um encontro com um dos gêneros mais encantadores da literatura, com o qual, a maioria não havia travado contato ainda. A poesia, especialmente por ser apresentada às crianças na escola pública, torna-se também um instrumento inspirador da criação sem deixar de produzir o efeito próprio de sua essência: impulsionar o ânimo diante da vida, o afeto entre as pessoas, a emoção do sentido das coisas, a descoberta da beleza de ser, bem como faz nascer poetas. Finalizamos com dois poeminhos escritos por crianças e uma das melhores frases ditas por uma criança que antes do projeto não demonstrava interesse pela escola: “tia, a poesia muda até as pessoas rabugentas”.



A emoção de um poeta (Samara, 11 anos)³

A emoção do poeta é mais forte que o mundo!

O mundo precisa de um poeta

Um poeta precisa de um poema

Que venha do coração

E que a emoção venha da alegria e da poesia

Que do coração se cria



Confusão (Sarah - 3º ano - com 7 anos)

Como volta o ônibus Vila Ida?

Volta como vila Ida

Ou volta como vila Volta?

Vila Ida vai e volta

Ou vira e volta?

Não sei se pego vila Ida na ida

Ou Vila Ida na volta

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito de história**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3957253/mod_resource/content/1/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria%20%281%2. Acesso em 05 de abril de 2029
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo**. Vol 2. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.
- JEAN, Georges. **Na Escola da Poesia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- MORIN, Edgar. **O Método 3: O Conhecimento do Conhecimento**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. 3. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1990.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Origem da tragédia**. Tradução de Joaquim José de Faria. São Paulo: Editora Moraes, 1990. Edição original: 1872.
- _____. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Edição original: 1888.
- ORDINE, Nuccio. **A Utilidade do Inútil: Um Manifesto**. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

¹ Através da PEC 95, Emenda Constitucional aprovada em dezembro de 2016 que limita nos próximos 20 anos os gastos públicos essenciais em educação e saúde, comprometendo toda uma geração de crianças, adolescentes e jovens do Brasil.

² É preciso enfaticamente registrar a importância que a universidade pública vem assumindo na vida de cada um dos estudantes das classes populares a partir do ainda recente programa de expansão das universidades federais no Brasil, já que em décadas anteriores aos anos do governo Lula, não houve nenhuma iniciativa dessa natureza.

³ Samara fazia o terceiro ano pela terceira vez. As retenções deviam-se ao fato de não ter aprendido a ler até sua turma começar a participar do projeto “Poesia na Escola”. Esse poema foi escrito cerca de dois meses após o início das atividades.